Litteræ Ministri Generalis Ordinis Fratrum Minorum

SOLLEMNITAS NATIVITATIS DOMINI NOSTRI JESU CHRISTI 2015

Com a Encarnação a Misericórdia assumiu um Rosto

Caríssimos confrades,

O Senhor vos dê Sua paz!

Ao escrever-vos esta carta, abre-se o Jubileu da Misericórdia que, como escreveu o Papa Francisco em sua bula de indicção, é um momento em que, "de maneira ainda mais forte, somos chamados a fixar nosso olhar na misericórdia, a fim de tornar-nos, nós mesmos, sinal eficaz do agir do Pai" (*Misericordiæ vultus,* n. 3).

Como podemos suportar o olhar dessa misericórdia, quando tanta violência nos cega, tão numerosos sinais de terror e morte nos golpeiam, entram em nossos olhos, na imaginação, nas emoções, no intelecto? Certamente isso não nos ajuda a amadurecer um olhar capaz de compaixão. Temos necessidade de que se abra o coração, a fim de poder ver de modo novo e reconhecer os sinais da misericórdia que vêm ao nosso encontro, de várias maneiras, justamente neste tempo e neste mundo, sinais aparentemente estranhos a ela e, ao mesmo tempo, tão sedentos por ela.

Na santa noite do Natal, cantaremos a Misericórdia do Pai, que apareceu entre nós, revelando-se na carne de nossa fragilidade, que o Senhor Jesus recebeu da Virgem Maria, fazendo-se nosso irmão e nos obtendo misericórdia (cfr. *LegM* 9,3).

Aquela carne frágil de bebê é a mesma que há de percorrer as estradas da Palestina, acolherá pobres e doentes, inclinar-se-á sobre pecadores, não terá medo de deixar-se tocar com ternura por crianças e mulheres. Aquela carne, que "passou por todas as aflições dos homens" (S. Basílio Magno, *Homilia sobre a humildade,* 6), até à morte na cruz. Na verdade, vamos celebrar o Natal qual verdadeira "Páscoa da Encarnação" (Paul Evdokimov)!

A frágil carne de cada varão, mulher, criança, idoso e jovem é tocada e plasmada pelo contato com a misericórdia, que tem os traços do rosto de Jesus de Nazaré, nascido para nós. Em nossa carne, portanto, já está inscrito o mistério de um amor que doa tudo, que perdoa, que sempre abre, ou melhor, escancara a porta de misericórdia para quem o acolhe.

Não temos escolha, irmãos! A misericórdia é o DNA da pessoa humana e de quem crê. Não é exclusiva dos cristãos, pois não é uma virtude entre as demais ou qualquer hábito humano. Ela é muito mais. É o coração do que é simplesmente humano. Podemos dizer que a imagem impressa em nós pelo Criador, desde o princípio, é marcada pela misericórdia pois fomos criados por amor e no amor, assim como toda a "casa comum", que é a criação, confiada a nós para que a guardemos.

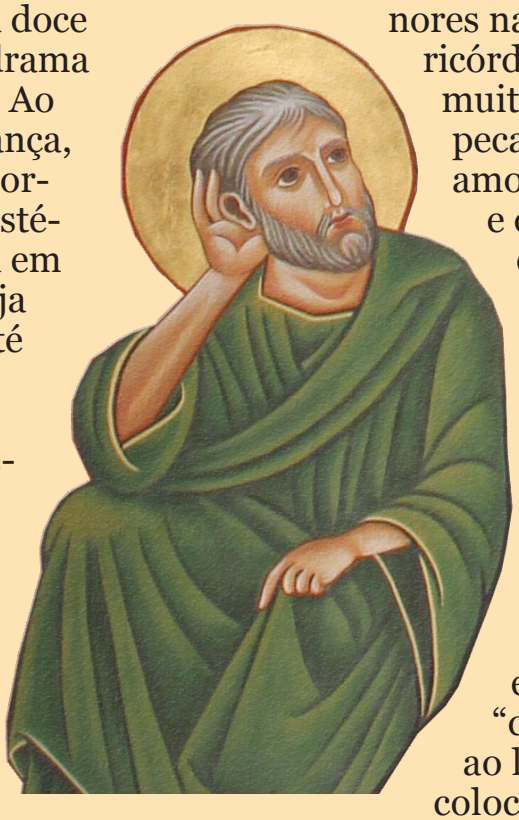
Assim, seguir a via da misericórdia significa viver segundo a razão, a saber, segundo o sentido profundo de nosso estar no mundo, irmãos uns em relação aos outros, em comunhão com todas as criaturas.

Se a misericórdia tem tanto a ver com nossa humanidade a caminho, então com a Encarnação ela é lugar fecundo de cada humana busca do Mistério. De fato, quando a graça da Encarnação cresce em nossa realidade de criaturas, ela nos faz verdadeiramente humanos! E não nos parece pouco! Aqui se realiza a única vocação do homem (cfr. *GS* 19):

"participar da natureza divina" (*2Pd* 1,4), reconhecer que "pela Encarnação, o Filho de Deus uniu-se, de certo modo, com cada pessoa humana" (*GS* 22).

É daqui que podemos reconhecer o movimento incessante que anima o caminho de tantos varões, mulheres e povos, chamados a se tornar uma só família: a misericórdia constitui sua alma profunda, que brilha em tantas línguas, culturas e buscas religiosas. As forças obscuras do mal, que em nosso tempo parecem desencadear-se com força incomum, a ponto de nos paralisar e que tocam com força também "nossa mãe terra", parecem dominar com seu rumor esse bem que cresce nas fissuras profundas da humanidade. E nos fazem medo! Contudo podemos dizer que não somos a realidade definitiva: "o mal não é para sempre" (*Ap*. 12,12b).

O Natal, então, não é uma doce festa, que nos anestesia do drama e que se oblitera na história. Ao contrário, a presença na criança, fraca e pobre, destinada a morrer na cruz, revela que "o mistério da iniquidade que já está em ato, mas é necessário que seja tirado do meio aquele que até agora o retém" (*2Ts* 2,7). A identidade de quem o retém permanece misteriosa. Podemos experimentar que cada empecilho oposto à misericórdia seja cúmplice e atraso na vinda do Senhor, pois reduz o espaço da vida e, portanto, da salvação que Cristo nos deu.



Se com o Natal "apareceu a graça de Deus, que traz a salvação a todos" (*Tt* 2,11), a misericórdia, que é o sabor, a luz, o calor daquela graça, é a realidade que manifesta a novidade da vida em Cristo, o traço decisivo do discípulo de Jesus.

A arquitrave que sustenta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda sua ação pastoral devia ser envolvida pela ternura, com a qual se dirige aos que creem; nada de seu anúncio e de seu testemunho ao mundo pode ser sem misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo" (*Misericordiæ vultus, n.*10).

S. Francisco diz-nos que a misericórdia é o coração do seguimento de Jesus. Como irmãos, "não haja frade no mundo que tenha caído em pecado, tanto quanto é possível pecar, que, depois de ter visto teus olhos, se afaste de ti sem teu perdão, se ele o pedir; e se não te pedir perdão, pergunta a ele se não deseja ser perdoado" (*Lm* 9-11).

Enquanto nos preocupa o mal que existe no mondo, não giremos a cabeça diante daquilo que habita em nós e entre nós! Tornamo-nos frades menores na medida em que a misericórdia cresce e cura nossas muitas divisões e feridas, pecados e fechamentos ao amor do Pai, faltas de estima e de bem recíproco, tibieza em responder ao dom da vocação recebida, comodidade e apropriação dos bens que nos desfiguram.

Caminhemos como irmãos e menores, nesta nossa época, na marca da misericórdia. É nesta estrada que encontraremos Aquele "que para nós nasceu ao longo do caminho, foi colocado numa manjedoura, porque não havia lugar no albergue" (*OP*, *Sl* 15,7), estrangeiro e peregrino, desprezado e marginalizado, tal como muitos rejeitados na história, que entulham, também hoje, nossas terras, praias e mares, saltam muros e barreiras, são feitos novamente escravos e, fugitivos, morrem sem esperança

de futuro possível.

Sobre essa estrada podemos receber novo impulso, o qual tantos irmãos nossos procuram e desejam, a fim de dar novamente força e luz à nossa vida evangélica de frades menores.

Sobre essa estrada nossa humanidade poderá crescer e tornar-se capaz de ternura e de lágrimas, de proximidade aos pequenos e de conversão na caridade.

Sobre essa estrada a alegria do Evangelho poderá tornar-se contagiosa pelo testemunho dado, sem fazer rixas ou disputas, e permanecendo sujeitos a toda humana criatura, por amor de Deus (cfr. *Rnb* 16, 6).

Sobre essa estrada, feita na misericórdia, que desejo a todos vós, confrades, um Natal desconfortável, porque rico de uma misericórdia que subverte nossos hábitos, dá força a nossos passos para encontrar os outros, reanimar nossas formas de cansaço e desalento.

Sobre essa estrada de misericórdia desejamos caminhar com os varões e mulheres, os pequenos e os grandes, os pobres e os ricos, os jovens e os idosos e as famílias de nosso tempo.

Com S. Francisco cantemos com alegria ao mundo que "naquele dia o Senhor enviou sua misericórdia, na noite foi ouvido seu cântico" (*OP Sl* 15, 5).

Feliz Natal a todos e a cada um de vós!

Roma, 08 de dezembro de 2015
Solenidade da Imaculada Conceição
e abertura da Porta Santa

Fraternalmente,

Fr. Michael A. Perry, OFM
Ministro geral e servo